

Entre desafios e possibilidades: a cultura popular na historiografia

Wesley Lima de Andrade¹

RESUMO

Este artigo procura abordar em primeiro lugar o lugar dos conceitos de Cultura Popular, enfocando as dificuldades de definições e a pluralidade de conceitos. Em um segundo momento procurar-se-á estabelecer uma relação entre os estudos culturais e a questão da luta de classes. Em um terceiro momento, procurar-se-á desenvolver um breve reflexão sobre os meios e as mediações culturais a partir do processo das indústrias culturais. Em um último e breve esboço, este trabalho procurará a partir de Amadeu Amaral, colocar em discussão a atuação dos folcloristas e suas atuações dentro da temática cultural, sobretudo no Brasil

Palavras-chave: cultura popular, estudos culturais, folclore

Between challenges and possibilities: the popular culture in the historiography

ABSTRACT

This article seeks to address in the first place the concepts of popular culture, focusing on the difficulties of definitions and the plurality of concepts. In a second step will be looking to establish a relationship between cultural studies and the question of class struggle. In a third time, it will seek to develop a brief reflection on the means and the cultural mediations from the process of cultural industries. In a last, brief outline, this study will seek from Amadeu Amaral, put into question the role of folklorists and their actions within the cultural theme, especially in Brazil

Keywords: popular culture, cultural studies, folklore

Autor para correspondência: Wesley Lima de Andrade
Rodovia Geraldo Silva Nascimento, km 2,5, s/n, Zona Rural, Urutaí, GO, Brasil.

E-mail: irwesleylima@gmail.com

Recebido em: 1 mar. 2015

Aceito em: 22 mar. 2015

¹Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutaí, GO, Brasil

INTRODUÇÃO

Quando se toma para a temática cultural adentra-se em um universo plural. A cultura vem sendo tema de estudo de diversos estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento seja da área das ciências humanas, sociais e até mesmo adentra-se na área das ciências da natureza e, para quem duvide, das exatas. Independentemente da área estudada os fatores culturais devem ser levados em conta seja na elaboração de um projeto urbanístico e arquitetônico, seja para a elaboração de políticas públicas que possam, por exemplo, diminuir as desigualdades sociais. Nisto se concretiza a pluralidade da Cultura.

Dentro da pluralidade da temática cultural enquadra-se uma nova dinâmica que, nas últimas décadas, tem “roubado a cena” dos estudos culturais. Digamos de passagem que os estudos referentes à “cultura popular” passaram a ser apreciados, mesmo que meio à diversos preconceitos e resistências no meio acadêmico, com mais veemências e atenção. Os estudos sobre “Cultura Popular” assumem a partir da década de 1980 um novo lugar dentro dos estudos acadêmicos, onde ela passa a se desvestir dos aspectos simplesmente folclóricos e assume a especulação de social e transformadora, que se alinha ao movimento da sociedade em si. Nos estudos acerca da cultura popular observa-se uma grande dificuldade na delimitação dos próprios termos. O que seria então a cultura e o que seria o popular?

Peter Burke em seu livro *A Cultura Popular na Idade Moderna*, já remetia que “cultura é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrente” (Burke 1989, p. 15). Revela-se assim que definir Cultura é engendrar-se nos caminhos da imprecisão, ou seja, é recorrer a um vasto conjunto de definições que abarcam diversos aspectos da sociedade em si. A definição de Cultura não se restringe aos aspectos unicamente ligados aos estudos históricos, mas para compreender realmente o que seja Cultura é preciso recorrer a conceitos e métodos de outras áreas do conhecimento.

Os estudos culturais não é propriedade, portanto, de uma área do conhecimento, mas prima-se pela interdisciplinaridade, uma vez que “Os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’ mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade”(Hall 2006).

Para esse pequeno esboço, procuraremos abordar em primeiro lugar o lugar dos conceitos de Cultura Popular, enfocando as dificuldades de definições e a pluralidade de conceitos. Em um segundo momento procurar-se-á estabelecer uma

relação entre os estudos culturais e a questão da luta de classes. Em um terceiro momento, procurar-se-á desenvolver um breve reflexão sobre os meios e as mediações culturais a partir do processo das indústrias culturais. Em um último e breve esboço, este trabalho procurará a partir de Amadeu Amaral, colocar em discussão a atuação dos folcloristas e suas atuações dentro da temática cultural, sobretudo no Brasil.

CULTURA POPULAR: PLURALIDADE DE CONCEITOS

Ao se referir ao termo cultura popular nos deparamos com uma variedade imensa de definições, bem como na maioria das vezes com definições cheia de ambiguidades. Dentro da historiografia, diversos são os estudiosos que se dedicaram aos estudos culturais procurando desenvolver uma série de definições para os termos.

Peter Burke nos remete, e nisto nos leva a concordar com ele, a um termo cultura que se apresenta de forma mais controversa. No entanto é evidente que o termo cultura nos últimos tempos vem passando por uma ampliação inegável, uma vez que

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante (Burke 1989, p. 25)

A Cultura assume um papel amplo de concretização na sociedade, isso porque Peter Burke, nos leva a uma definição de cultura popular como sendo o que não é oficial, erudito o seria “não-elite”. Isso demonstra a complexidade do termo. Burke atribui a significação da conceituação de cultura popular, e não porque de cultura em geral, como algo consequente da hierarquização da sociedade. A medida que a sociedade se divide em elite e “não-elite”, a cultura assim se subdivide também. Desta forma a oficialidade, ou seja, a cultura oficial e que era a que dava mais status e ascensão social era voltada para as elites, já o que não era oficial ou que se apresentava como comum e de acesso às camadas mais pobres era chamado de “popular” e era própria da “não elite”. No entanto cabe saber também, e Peter Burke deixa bem claro, que a cultura das “não elite” também fascinava a elite e esta, por muitas vezes, se englobava dentro do universo do que seria popular. Assim a “cultura popular” assumia veementemente o seu papel de “popular” que é de abranger o “populus”, ou seja, o “povo” de uma forma geral. Assim, a cultura letrada ou oficial, era aquela que estava fora do povo, ou seja, reservada. Em outras

palavras, a cultura popular era a cultura para todos e a cultura erudita a cultura particular e reserva às elites. Assim, Burke, instiga que para estudar a cultura seja ela a “popular” ou a “erudita” é necessário primeiramente decompor a sociedade em classes, isto porque a cultura deve ser estudada em blocos, como dito, do “popular” e do “erudito”, mesmo que, para ele, esses dois blocos de “cultura”, estejam em intensa inteiração, não podendo muitas vezes limitar uma fronteira entre as duas. Assim, para Burke, a cultura seria, em outras palavras, produto da divisão da sociedade em classes e que a divisão entre “popular” e “elite” dentro do campo cultural é mero reflexo da hierarquização de classes da sociedade. Torna-se evidente que, nos últimos anos, principalmente a partir dos Annales, o termo cultura passou a ser ampliado na delimitação de conceitos sejam eles de cunho material ou imaterial.

Cabe-nos lembrar o conceito de “cultura primitiva” que Ginzburg que trabalha e que relaciona com o que Burke chama de “popular”. Ginzburg afirma que

Só através do conceito de "cultura primitiva" é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos outrora definidos de forma paternalista como "camadas inferiores dos povos civilizados" possuíam cultura. A consciência pesada do colonialismo se uniu assim à consciência pesada da opressão de classe. (Ginzburg 1987, p. 17)

Ginzburg nos remete a uma análise das formas de classes definidas ao longo dos processos denominados “civilizatórios” da sociedade. E que essa definição de cultura das camadas populares, fora ora definido como parte integrante das culturas de povos ditos como “exóticos”, quanto também das classes subalternas dos povos civilizados. Perfazendo assim um processo de “descoberta” de um (exóticos) e de “valorização” de outro (camadas populares). No entanto a História só se aproxima do estudo da cultura, particularmente a cultura primitiva, recentemente. Esse distanciamento ocorre, segundo Ginzburg na introdução do seu livro *O queijo e os vermes*, por dois principais motivos. O primeiro deve-se a uma problemática ideológica, ou seja, considera-se que a cultura das camadas subalternas são meramente difusões da cultura, crenças e tradições das camadas superiores. Desta forma as “crenças e idéias originais” das camadas superiores chega às camadas subalternas de forma deturpada e de forma desatualizada, sofrendo perdas e deformações ao longo desse processo de difusão, sendo assim, não se pode ser levada a sério para um estudo e um conhecimento mais específico

de uma cultura “letrada” em vista de uma “cultura primitiva”.

Em um segundo motivo pode ser classificado como metodológico, uma vez que implica na realização dos estudos das “culturas primitivas”. Isso porque, evidentemente, as culturas das classes inferiores predominantemente é transmitida de maneira oral, assim, torna-se muitas vezes inviável o conhecimento de uma certa cultura de alguns séculos anteriores ou mesmo de uma cultura atual, uma vez que tende-se a se recorrer a documentos das elites, que veementemente se opõe a cultura primitiva ou das classes comumente chamadas de subalternas. Assim, o historiador procurar reconstituir um quadro desta cultura a partir de um outro quadro que não pertence à ela e, desta forma, estabelece-se filtros que podem muitas vezes obstruir a pesquisa e sua veracidade. Ginzburg, no entanto, elenca diversas iniciativas próprias que podem superar esses dois desafios para a realização da pesquisa histórica da cultura das classes subalternas.

Em uma breve comparação entre Peter Burke e Carlos Ginzburg, encontramos uma ponto, digamos, de conflito. Isso porque para Peter Burke a cultura se apresenta de maneira estática; já para Ginzburg a cultura é algo dinâmico e cíclico, como apresentado ao longo da história desenvolvida em seu livro *O Queijo e os Vermes*. Peter Burke traz à tona uma plena dicotomia entre cultura das elites e da classe subalterna, que, mesmo não havendo um limite específico de onde começa um e termina outro, as duas se apresenta de maneira dicotômica e sempre uma em oposição à outra. Já para Carlo Ginzburg, a cultura é capaz de circular nas mais diversas camadas sociais, ou seja, ela apresenta-se de maneira cíclica e não de forma estática. Assim Carlo Ginzburg traz para os estudos culturais um novo conceito, que é o conceito de *Circularidade Cultural*. Assim, Ginzburg mostra a necessidade de um estudo da cultura não a partir da classe social, uma vez que o popular seria definido não onde os textos e a cultura é produzida, mas o popular é definido a partir do uso da cultura e da produção cultural e da assimilação destes.

Em síntese esse conceito de Circularidade Cultural apresentado por Ginzburg representa a circularidade que há da produção cultural das diversas camadas sociais nas outras. Desta forma a produção cultural das camadas letradas ou elite, pode infiltrar nas camadas populares ou iletradas. Da mesma forma a produção cultural das camadas subalternas chegam até às camadas letradas. Assim, as mais diversas produções culturais influenciam as classes que, por ora, se apresentam de forma opositora à que produziu aquele dito de expressão cultural.

Apesar de haver essa ampliação da área de uso do termo cultura, diversos estudiosos ainda tendem a restringir a temática, uma vez que usando o termo para indicar diversos hábitos da sociedade ficaria evidenciado um relativismo cultural, ou seja, levaria o termo a se relativizar e a fugir dos âmbitos acadêmicos.

Canclini, ao tratar sobre a definição de cultura, propõe limitar o uso do termo, especificamente para

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (Canclini 2003, p. 29)

Isso porque a multiplicidade da abrangência do que seja cultura pode gerar uma falta de compreensão das desigualdades existentes e provenientes da cultura. Também, cabe ressaltar que quanto mais múltipla for a abrangência de conceitos, menos se compreenderá a hierarquização da sociedade ou mesmo a hierarquização dentro do que efetivamente foi classificado como cultura.

Etimologicamente a palavra cultura tem sua origem na língua romana antiga a partir do radical "colo". Colo era empregado para designar o cultivo do solo, como assim provem a palavra Agricultura, ou seja, cultura agrícola. Assim pode-se remeter a palavra cultura como cultivo, ou seja, aquilo que deve ser cultivado. Ao longo dos tempos a palavra cultura assume um caráter que exprime tudo aquilo que indica arte, língua, entre outros. Na língua portuguesa a palavra cultura assume, no entanto, uma abrangência muito maior, onde assume significados que passam por diversos aspectos da vida do ser humano, bem como de suas expressões.

ESTUDOS CULTURAIS E LUTA DE CLASSES

Dentro da Historiografia as definições de cultura se alinham as mais diversas correntes historiográficas e pensadores. Entre outras palavras cada corrente historiográfica, cada tendência do pensamento histórico, apresenta uma definição de cultura que mais lhes são convenientes para seu estudo, e isso amparado pela diversidade que os estudos culturais apresentam.

Na linha Marxista, encontramos uma definição de cultura que se aproxima da idéia central marxista da Luta de Classes. A cultura seria, também, um campo de luta de forças. Na visão marxista o campo cultural é marcado pela cultura dominante e a cultura dominada. A Cultura Dominante seria tudo aquilo que diz respeito à cultura das elites ou erudita, bem como os aspectos da cultura de mercado. Já à Cultura dominada incluem-se as manifestações culturais das massas populares¹.

Stuart Hall, ao analisar os estudos culturais frente ao Marxismo, nos remete que

Em nenhum momento os estudos culturais e o marxismo se encaixaram perfeitamente, em termos teóricos. Desde o início (permitam-me que me expresse assim por agora), já pairava no ar a sempre pertinente questão das grandes insuficiências, teóricas e políticas, dos silêncios retumbantes, das grandes evasões do marxismo – as coisas de que Marx não falava nem parecia compreender, que eram o nosso objeto privilegiado de estudo: cultura, ideologia, linguagem, o simbólico. (Hall 2006, p. 191)

Desta forma, Stuart Hall, procura desconstruir "a idéia de que os estudos culturais britânicos se definem por terem se tornado, a certa altura, uma prática crítica marxista. (2006, p. 190)" Isso porque a cultura e sobretudo a cultura popular não pode associar-se, segundo Hall, ao mero antagonismo entre classes dominantes e dominados. Sendo os estudos britânicos precursores dos estudos culturais, devem ser compreendidos não em um envolvimento teórico em si, mas sim a partir de um envolvimento a um problema comum. Isso mesmo porque

Os elementos que aprisionavam o marxismo como forma de pensamento, como atividade de prática crítica, encontravam-se já e desde sempre, presentes – a ortodoxia, o caráter doutrinário, o determinismo, o reducionismo, a imutável lei da história, e seu estatuto como metarrativa. (Hall 2006, p. 191)

Desta forma, Hall questiona o relacionamento entre cultura, sociedade e economia presente nos conceitos marxistas, uma vez que este era dotado de profundo eurocentrismo em sua teoria.

significada a cultura que se opõe a cultura das elites ou a cultura letrada.

¹obre cultura das massas, aqui é entendido como a cultura praticada pelas camadas mais pobres ou pela maioria da população. Cultura das massas, neste ponto,

Desta forma

A noção de que o marxismo e os estudos culturais encaixaram um no outro, reconhecendo uma afinidade imediata entre si e dando as mãos em algum momento de síntese hegeliana ou teleológica – consistindo este no momento fundador dos estudos culturais – está totalmente errada (Hall 2006, p. 193).

Vale lembrar que Hall critica a estreita ligação entre o marxismo e os estudos culturais, onde a maioria dos estudiosos do assunto limitam os estudos culturais, especialmente os britânicos, a uma vinculação ao marxismo, com lógica apenas nas lutas de classes. Não descarta totalmente as relações sociais, bem como a teoria marxista na compreensão da cultura em si, mas defende um estudo cultural com base em conceitos e princípios próprios, específicos e não relativos e apropriados de outras compreensões da sociedade como por exemplo marxista que procura explicar a economia.

Evidentemente Hall faz-nos referência que a cultura e, sobretudo, a cultura popular apresenta-se ligado às questões econômicas. Stuart Hall afirma que *“Não existe uma cultura popular íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais”* (2006, p. 238). Isso vem indicar que a cultura está também inserida nos campos de poder presentes nos mais diversos campos da sociedade em si.

Desta forma percebemos evidentemente que embora critique a questão de ligar puramente os estudos culturais à teoria marxista, apresentando uma cultura unicamente ligada ao campo de forças das relações do poder, Hall nos coloca que é preciso ampliar os horizontes dos estudos culturais e colocá-lo em um patamar mais plural de compreensão, onde se leve com consideração sim as questões da luta de classes, mas também a especificidade das ações puramente culturais.

Dentro desta perspectiva cabe-nos definir também o que seja o popular. Stuart Hall, ao trabalhar o termo “popular” já indica que

O termo pode ter uma variedade de significados, nem todos eles úteis. Por exemplo, o significado que mais corresponde ao senso comum: algo é “popular” porque as massas o escutam, compram, lêem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente. (Hall 2006, p. 237)

Neste aspecto Hall nos remete a uma concepção capitalista de popular, ou seja, uma definição a partir do consumo. Ele nos remete a

uma compreensão da cultura popular comercial, onde se procura manipular a sociedade e induzir a sociedade ao consumo ou à massificação. Hall no entanto diz que

A cultura popular é todas essas coisas que ‘o povo’ faz ou fez. Esta se aproxima de uma definição ‘antropológica’ do termo: a cultura, os valores, os costumes e mentalidades (folkways) do povo. Aquilo que define seu ‘modo característico de vida’. (Hall 2006, p.239-240)

No entanto assim como critica a primeira definição de popular, Hall volta-se ao questionamento desta segunda definição, uma vez que apresenta-se de forma um tanto quanto relativa, entre outras palavras, não explica nada e generaliza muito o que realmente seria o popular. Ficaria difícil, segundo Hall, definir o que não seria popular.

Isso porque *“não podemos simplesmente juntar em uma única categoria todas as coisas que ‘o povo’ faz, sem observar que a verdadeira distinção analítica não surge da lista mas da oposição chave: pertence/não pertence ao povo”* (Hall 2006, p. 240).

Assim percebemos que o popular também é um termo em construção, ou seja, não tem uma definição consensual. Existem várias definições e cada uma apresenta diversas limitações em si. No entanto, Stuart Hall por fim, em seus estudos prefere usar uma definição que *“considera, em qualquer época, as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares”* (Hall 2006, p. 241). Essa definição um tanto quanto “definitiva” de Hall nos remete às tensões contínuas que existem entre o popular e o dominante. Desta forma levando a uma análise do que se torna permanente e ao que se torna mutável, levando a uma análise mais específica da relação entre a cultura e as questões de hegemonia.

Gramsci define hegemonia como

A supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como dominação e como direção intelectual e moral. Um grupo social é dominante dos grupos adversários, que tende a liquidar ou a submeter até com força armada, e é dirigente dos grupos afins e aliados. (Teixeira 1992, p. 57)

Mesmo ligado à questões econômicas e de relação entre supremacia dentro da sociedade econômica ou/e ideológica internacional, tal definição de Gramsci nos remete a uma

compreensão de hegemonia no nível cultural também. Uma vez que *“o significado de uma forma cultural e seu lugar ou posição no campo cultural não está inscrito no interior de sua forma. Nem se pode garantir sempre sua posição”* (Hall 2006, p. 241). A partir dessa afirmação de Stuart Hall, percebemos a intrínseca ligação entre a definição dada por Gramsci sobre hegemonia e o campo da cultura. Isso porque o significado para determinado símbolo cultural é dado a partir do campo social em que este se situa, bem como das articulações às quais este se relaciona. Assim, são as relações culturais e não os objetos em si que são atribuídos por significados. Ou seja, as relações da luta de classes determinam o significado cultural de tal símbolo.

Diante do significado e da atuação simbólica da cultura popular, torna-se necessário a compreensão de um termo que, segundo Hall, é traiçoeiro que é o que realmente seja Tradição. Ele afirma que

Tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência de velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associações e articulação de elementos. (...) As tradições não se fixam para sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe (Hall 2006, p. 243).

Desta forma Hall nos remete a uma tradição diferente do significado concebido pelo senso comum. Para ele as tradições estão sempre em movimento, ao contrário do que o senso comum indica, onde as tradições aparecem de forma estática. As tradições devem ser compreendidas dentro de um contexto social mutável e não estático, uma vez que não se pode valorizar a *“tradição”* pela tradição, mas sim a partir do processo histórico ao qual ela estava inserida. Só assim se poderá compreender a movimentação histórico social das classes e das lutas e embates existentes dentro do âmbito cultural e sobretudo dentro do que é relacionado como cultura popular.

Assim,

O termo popular guarda relações muito complexas com o termo ‘classe’. Sabemos disso, mas sempre fazemos o possível para nos esquecermos. Falamos de formas específicas de cultura das classes trabalhadoras, mas utilizamos o termo mais inclusivo, ‘cultura popular’ para nos referirmos ao campo geral de investigação.[...]O termo ‘popular’ indica esse relacionamento um tanto deslocado entre a cultura e as classes. Mais precisamente, refere-se à aliança de classes e

forças que constituem as ‘classes populares’. A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área à qual o termo ‘popular’ nos remete.(Hall 2006, p. 243)

Essa compreensão nos remete a uma análise no campo da cultura que indica o povo versus o bloco de poder. Ou seja, a polarização no campo da cultura parte da luta de classes e das contradições existentes dentro da própria cultura, perfazendo um terreno de luta cultural.

Hall discorre que a temática da cultura popular é problemática em sua definição e de difícil consenso. A cultura e a teoria marxista se ligam não teoricamente, mas a partir de uma prática de luta de classes, ou seja, os estudos culturais devem ser compreendidos em si e não a partir de aspectos puramente econômicos. Evidentemente a luta de classes está presente nas relações culturais como foi descrito. Uma vez que *“a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta”* (Hall 2006, p. 246). O marxismo, ou melhor, o socialismo não se expressa na cultura, mas ele pode ser constituído no campo da cultura popular, observando suas lutas e desafios, bem como os campos de dominação e resistência. Hall nos propõe uma reflexão geral envolvendo o objeto e não puramente o objeto como reflexão da luta de classes.

Ao tratar sobre cultura Thompson prefere usar o termo costumes em vez do termo cultura, uma vez que o termo *“costumes”* é mais abrangente que o termo cultura. Para ele é impossível pensar a cultura popular sem divisão de classes. Há o embate entre os letrados e o popular e esse embate entre letrados e popular é um embate cultural, de costumes. Uma vez que

Uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos que somente sob uma pressão imperiosa(...) assume a forma de um sistema. (Thompson 1998, p. 17)

Nisto observa-se claramente as relações de poder existentes dentro do âmbito da cultura e, sobretudo do popular. No âmbito da cultura as relações se apresentam de forma conflitiva, antagônica. E é justamente nesse âmbito conflitivo que as relações se concretizam se tornando um sistema de forças.

INDÚSTRIA CULTURAL E CULTURA DE MASSA

Nos últimos anos vêm se discutindo, cada vez mais, a relação da indústria cultural frente à cultura popular. É notório que com o advento das novas tecnologias de informação que começaram a surgir no início do século XX, com o rádio e chegando aos tempos atuais com a internet, traz um novo modelamento cultural para o cotidiano do cidadão. Os novos meios de comunicação trouxeram para a cultura popular o universo da propagação. Desta forma certas canções ganharam expressões em diversas regiões e, se não, em diversas localidades que, por até então parecem desconexas. As produções culturais deixam o seu caráter local e passam a serem produzidas no intuito de primeiro ser para as massas e, posteriormente, sobretudo com a supervalorização do comércio, a massificar as classes.

A Cultura passa ser entendida em duas antagonias, a Cultura Rural versus a Cultura Urbana. Isso porque passa-se a ver nos meios de comunicação a penetração cada vez mais massiva da cultura rural nos grandes centros urbanos. Caso que pode ser observado na atualidade com a supervalorização do sertanejo pelos jovens das grandes cidades, no entanto este mesmo sertanejo que chega aos grandes centros reveste-se de uma nova roupagem, deixando a “marca” de caipira e assumindo uma roupagem de ser pop. Esse movimento deve-se, principalmente, às questões de mercado e à aceitação da mesmo nos grandes mercados consumidores.

É justamente essa relação entre os novos meios culturais, ou melhor, de difusão de cultura e o mercado, que cabe uma reflexão dentro dos aspectos da cultura popular. Uma vez que cada vez mais esta vem sendo apropriada por tais meios.

Assim, se coloca em questão a interação entre os meios, que á sentido à dinâmica comunicacional, como diz Jesús Martin – Barbero

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor (Martin-Barbero, 2002, p. 55)

E é justamente essa interação entre receptor e emissor, que na atualidade começa a estabelecer a generalização das massas². Para Barbero não são os meios que devem ser o foco de estudo dentro da indústria cultural, mas sim as mediações, uma vez que

o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (Martin-Barbero 2002, p. 55)

Assim, para Barbero se poderá ter uma compreensão mais complexa do processo de produção e recepção, isso porque sempre se leva em conta o processo que é mediado entre as partes e não uma ou outra parte, mas o conjunto que separa as partes. Assim, o conteúdo apresentado pela mídia pode ser compreendido dentro de um contexto sociocultural, ou seja, o que é apresentado em um certo veículo de comunicação pode ser interpretado de maneiras diferentes, dependendo do contexto social que os receptores estão vivendo, por isso é necessário analisar para além dos meios (emissores e receptores), as mediações ou seja o que há entre um e outro.

Barbero nos chama a atenção para a compreensão da cultura dentro do aspecto da comunicação e das novas tendências de difusão cultural. Ele nos chama a uma análise entre produtores, produtos e receptores. Desta forma condiciona-se a comunicação à cultura e a cultura à comunicação. Assim, as mediações são os meios e redes de significados culturais envolvidos em si e que ganham a dimensão culturalista dentro dos receptores. Desta forma, a partir de Barbero, somos chamados a compreender a cultura e a comunicação como meios intercambiáveis.

A cultura popular assume, dentro da indústria cultural, um papel de mercado. O cinema, o rádio, a televisão, o jornal, entre outros meios como mais recentemente a internet, são meios de difusão cultural e desta forma são canais de massificação também. Não há mais fronteiras visíveis para a cultura. Mas as fronteiras são afincas dentro das mediações e não nos meios. Não há limites entre produtores e receptores, mas há formas intrínsecas de mediações diferentes.

AMADEU AMARAL: A CULTURA ENQUANTO FOLCLORE.

Dentre as tendências de estudo da cultura, encontra-se o folclorismo. A Cultura Popular, em sua maioria das vezes e principalmente nos projetos de preservação e resgate cultural, é tratada meramente como folclore. Isso deve-se ao caso de que os folcloristas procuram tratar o popular como algo isolado, dessa forma o popular se traduz em algo determinado e por isso os estudos folclóricos procuram colocar uma certa “redoma de vidro” em

² Entenda-se por massas as camadas populares de maneira generalizada.

volta da cultura popular, para que essa não pudesse ser “contaminada” com as novas formas de atuação cultural da modernidade. Tratando a cultura popular dentro de uma visão folclorista, esta passa a se separar do cotidiano, uma vez que esta é apenas expressão e não cotidiano.

Dentre os folcloristas que se destacaram nos estudos culturais, podemos citar o valoroso Amadeu Amaral. Amadeu Amaral, apesar de ser conhecido pelos seus estudos folcloristas, era um intelectual, jornalista e político. Em sua atuação procurou desenvolver diversos estudos no âmbito cultural e, assim, promover um chamamento para uma ação culturalista dentro da intelectualidade.

Amadeu Amaral se destacava principalmente como estudioso da dialetologia, focalizando-se no estudo do dialeto caipira. Como Folclorista ele enfatiza a necessidade de uma coleta cuidadosa das tradições populares e empenha-se pelo desenvolvimento político em prol do folclore, sendo o folclore a essência nacional.

Em seu livro, *Tradições Populares*, que na verdade é uma coletânea de conferências e artigos publicados entre 1910 a 1920 no jornal *O Estado de São Paulo*, Amadeu Amaral enfatiza que o Folclore é uma disciplina científica autônoma, com campo e métodos próprios de investigação, tecendo assim uma rede de significados. Sendo assim, ele considera que “os estudos de folclore estão bem iniciados no Brasil” (Amaral 1982, p. 01). No entanto apresenta três erros ditos como *fatais* dentro dos estudos folclóricos que ora estão se desenvolvendo no Brasil e que impedem os estudiosos do folclore de serem considerados como cientistas.

Primeiramente, Amaral chama atenção para a tendência *sentimentalista* dentro dos estudos folclóricos, que leva a um nacionalismo exagerado. Assim, mesmo uma documentação indicando algo contrário, por exemplo, do povo brasileiro, estes insistem em manter uma idéia de um povo cheio de virtudes.

O trabalho [destes folcloristas sentimentalista] consiste essencialmente em demonstrar uma noção empírica e sentimental previamente estabelecida: a inteligência, a graça, perspicácia de um povo e, sobretudo, dos seus ‘expoentes’ poéticos. (Amaral 1982, p. 04)

Um segundo problema que, também, se institui é o *dilantismo erudito*, onde apenas a pesquisa se apresenta como importante e, desta forma, distancia o conteúdo, mas fixa-se apenas nas formas. A pesquisa torna-se o principal e não o que está dentro da pesquisa, ou seja, despreza a análise do que fora pesquisado.

Um terceiro problema e que, segundo Amadeu Amaral, é o maior de todos é a questão do *excesso de teorizações imaginosas*. Isso acontece porque colocam uma ideia pré-concebida e transfere uma imagem que por vezes não condiz com o real. Assim, se procura “... *construir belo edifícios com materiais ainda exíguos e frágeis*” (Amaral 1982, p. 05). Por esse viés se procura ir ao campo para a pesquisa com a ideia do que seja e não abrindo mão de suas concepções. Ou mesmo se permanece com concepções e despreza a pesquisa.

Esses três problemas levam ao distanciamento do método científico, uma vez que tira a credibilidade do trabalho em si. Um trabalho científico na área do folclore deve se destituir de todo sentimentalismo e ideias pré-concebidas, tratando os objetos de pesquisa a partir de documentação e objetividade.

Somente através do tratamento do folclore com cientificidade é que se poderá desenvolver, segundo Amadeu Amaral, uma história e uma geografia do Folclore Brasileiro e, se não, da identidade Brasileira.

... a distribuição dos factos e dos produtos através do território e sua coincidência com os acontecimentos antecedentes e circunstâncias do povoamento e da vida coletiva, teremos assentado os fundamentos objetivos e fecundos de um estudo deveras interessante da psique popular no Brasil. (Amaral 1982, p. 09)

Desta forma Amadeu Amaral indica que é a partir do folclore que se pode conhecer o povo brasileiro em si e, a partir deste conhecimento, é que se pode traçar novos rumos para a nação brasileira. Para Amaral, o folclore expressa a verdadeira identidade do povo brasileiro e somente a partir do seu conhecimento é que se pode caminhar para a melhora do país. O folclorista apenas não seria um ser científico, mas um agente transformador e indutor de um intervencionismo do cotidiano do ser em si.

Por se apresentar de maneira de maneira singular em seus estudos a cerca do folclore, mas ao mesmo tempo plural, uma vez que Amadeu Amaral se destaca nas mais diversas áreas das ciências e da sociedade, torna-se importantes a compreensão do folclore em suas obras, uma vez que o autor indica que para se conhecer o povo brasileiro é necessário conhecer o seu folclore, pois este é a expressão do povo em si. É através do folclore que se pode delimitar e expandir as políticas sociais.

CONCLUSÃO

Enfim, após essa breve análise sobre a cultura popular podemos ressaltar a necessidade de

cada vez se estudar a temática. Sabemos que nos últimos anos, sobretudo a partir do final da década de 1980, os estudos acerca dos aspectos da cultura popular começam a ter uma nova tonalidade dentro da academia. A temática até então desprezada por muitos, assume seu papel de destaque, abrindo assim o leque para diversas pesquisas nos mais diversos aspectos da sociedade. Percebe-se com o despertar também para novas fontes de pesquisas, um novo olhar da cultura como construtora da Sociedade.

Apesar de todo esse despertar para as temáticas culturais, sobretudo a cultura popular, encontramos a dificuldade de uma conceituação certa do que realmente seria a cultura. E tais conceituações tornam-se mais complicadas quando se adentra à cultura popular, uma vez que dois termos “Cultura” e “Popular” são conflituosos em si próprios. Essa dificuldade de conceituar e sobretudo classificar o que seria cultura e o que seria popular, leva para além de uma discussão conceitual, mas provoca uma avalanche de estudos dos mais diversos aspectos da sociedade.

Sabe-se que os estudos culturais são sempre ligados à questão da luta de classes. Isso tema de discussão entre os historiadores, cientistas sociais e antropólogos. Muitos defendem uma mera teorização marxistas, mas outros vão além, distinguem os estudos culturais as relações de classes, outros, porém, renegam a sua implícita ligação com a teoria marxista, mas assume uma nova configuração dentro da cultura de classes. Sabe-se no entanto que evidentemente a cultura em seus mais diversos aspectos são caracterizados dentro de uma perspectiva social e da relação de classes. Não se pode negar que as relações de classes estão intrínsecas dos aspectos culturais e para compreender os diversos âmbitos da cultura é necessário compreender as diversas classes da sociedade em si.

Durante todo o século XX e no início deste século XXI encontramos a difusão de novos meios de difusão cultural. O advento do rádio, da televisão, do cinema, das reproduções fonográficas e, nos últimos anos, da internet, traz para o cenário cultural uma nova abordagem do que seria cultura e sobre a difusão das produções culturais. Sabe-se que a relação entre cultura e meios de comunicação de massa se reconfigura nos tempos modernos. Se acaba a limitação entre produtor e receptor e a cultura deixa de se limitar a um determinado local e assume um aspecto mais abrangente. Não há limites físicos, mas sim há limites receptivos dos aspectos culturais que, sem dúvida, levam em consideração as condições sociais em que o receptor está envolvido.

Por fim, cabe-nos referir aos que procuram tratar a cultura enquanto folclore. São notáveis os estudos dos folcloristas e são de grande valia para a preservação e constituição da cultura popular, sobretudo no Brasil. No entanto eles caem no grande erro da pouca cientificidade e da não contextualização da cultura popular na modernidade. A tentativa dos folcloristas de colocar a cultura popular dentro de uma “redoma de vidro” tornando-a intocável e não adaptável ao tempo atual, torna-se como já amordaça-la e decretar a sua extinção. Deve-se levar em conta que a cultura popular deve ser preservada e estar dentro dos aspectos da mutação com o tempo. Deve-se analisar as suas mutações que acontecem com o tempo e não simplesmente tirar ela do cotidiano. A cultura popular, enfim, é cotidiano e não algo que acontece no extraordinário. Ela é o ordinário da vida e suas manifestações refletem a ação de um povo que caminha a cada momento e que se transforma, mas que tem em si próprio a sua identidade.

REFERÊNCIAS

- Amaral A. *Tradições Populares*. São Paulo: HUCITEC, 1982
- Burke P. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Canclini NG. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- Ginzburg C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- Hall S. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- Martin-Barbero J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- Martin-Barbero J. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- Teixeira A. *Crise de hegemonia e desestruturação da ordem econômica mundial*. In: *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, Vol. 14, n.1, Jan/Jun 92, p. 55-73.
- Thompson EP. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.